



OPORTUNIDADES

POR FILIPE LOPES

Trilha de NEGÓCIOS

Turismo de aventura brasileiro conta com mais de 2.000 empresas que oferecem opções de roteiro em mais de 200 destinos. O segmento atende 4,3 milhões de turistas e atrai o mercado corporativo

Conciliar turismo, aventura e negócios tem sido a opção de um número crescente de empreendedores, motivados pelo interesse do brasileiro por atividades de lazer não muito distantes dos grandes centros e capazes de aliviar o estresse do dia a dia. A riqueza do País quando o assunto é recursos naturais contribui para a dinâmica do turismo de aventura, que se caracteriza pela prática de atividades de caráter recreativo e não competitivo, de acordo com a definição do Ministério do Turismo.

O setor cresce a uma taxa anual média superior a 10%, segundo dados da Associação Brasileira das Empresas de Ecoturismo e Turismo de Aventura (Abeta), e reúne mais de 2.000 empresas. Os dados oficiais do Ministério do Turismo apontam que mais de 28 mil profissionais estão envolvidos neste tipo de atividade, que atende 4,3 milhões de turistas e, segundo a Abeta, faturou R\$ 1,7 bilhão em 2014 – valor 14% superior ao registrado no ano anterior.

Para este ano, o segmento mantém o otimismo, apesar da complexidade do cenário político e econômico. A justi-

ficativa está na valorização do dólar diante do real, que inibe as viagens dos brasileiros ao exterior ao mesmo tempo em que torna o País um destino mais atraente para os estrangeiros.

Assim, o interior de São Paulo desponta como importante polo e o público corporativo se firma como responsável por parcela significativa da receita. Atividades em grupo que testam conceitos de liderança, espírito de equipe e riscos ganham a adesão dos gestores de recursos humanos, que consideram as atividades ao ar livre, como rafting e trilhas, capazes de liberar mais do que adrenalina. Segundo a Abeta, o Estado de São Paulo concentra 800 empresas que atendem ao setor de ecoturismo e turismo de aventura, representando 40% do total de companhias do País.

Em São Paulo, cidades como Brotas, Socorro, Piracicaba, Juquitiba, Iporanga e Avaré, além das regiões da Serra da Mantiqueira, do Vale do Paraíba, dos litorais norte e sul, da Baixada Santista, do Vale do Ribeira e da Serra de Botucatu, têm atraído um número crescente de turistas nacionais e estrangeiros. “Estima-se que mais de 30

milhões de turistas visitem o Estado de São Paulo todos os anos, e cerca de 2 milhões desses visitantes são estrangeiros”, afirma o vice-presidente da Abeta, Luiz del Vigna.

O relevo montanhoso e as corredeiras de Socorro – município localizado a 130 quilômetros da capital paulista – inspiram turistas a praticar esportes de aventura e a movimentar o comércio local. Segundo a prefeitura, mais de mil pessoas frequentam a cidade por mês em busca de atividades ao ar livre e fazem do destino um dos mais procurados do Circuito Nacional dos Esportes de Aventura. O município abriga empresas que oferecem 17 modalidades de práticas terrestres, aquáticas e aéreas.

O Parque Estadual Turístico do Alto Ribeira (Petar) – a 330 quilômetros de São Paulo – também é um destino muito procurado pelos turistas que buscam contato com a natureza por meio de cachoeiras, cavernas e trilhas. O parque conta com mais de 35 mil hectares de mata atlântica preservada, além de 400 cavernas, sendo 12 delas abertas à visitação. Segundo a Fundação Florestal, que administra





o Petar, o segmento de turismo de aventura vem crescendo entre 15% a 20% ao ano na região, nos últimos três anos, por conta das cavernas locais que oferecem muitos desafios aos visitantes, o que torna a sensação de conquista e superação de limites muito maior, gerando satisfação pessoal.

Para o engenheiro agrônomo e dono de uma propriedade em um dos núcleos do parque, Fábio Salvatori, a biodiversidade da área é a responsável pela alta procura por roteiros de aventura e passeios ao ar livre. “Com centenas de cavernas e cachoeiras, o Petar pode ser considerado um dos melhores destinos para o ecoturismo e o turismo de aventura no Estado. Um bioma único, com espécies endêmicas e uma interatividade total em seus ecossistemas. São paisagens de tirar o fôlego”, afirma.

Outra cidade interiorana que desponta como polo desse tipo de turismo é Piracicaba, a 164 quilômetros de São Paulo. O município abriga grandes áreas de preservação ambiental e conta com empresas que oferecem voos de balões, trilhas, tirolesas, entre outros roteiros. Para os turistas que buscam aventuras na água, Brotas – cidade localizada a 235 km da capital – é um ótimo destino, sendo a pioneira na exploração comercial do turismo de aventura no Brasil e conhecida como a Capital Brasileira da Aventura. O município conta com diversos roteiros aquáticos na Represa do Lobo, no Ribeirão do Feijão e no Rio Jacaré-Pepira. O visitante pode praticar atividades como aqua ride/boia-cross, cachoeirismo, caiaque, canoísmo e rafting, além de outras categorias de aventura como

arvorismo, balonismo, caminhada, cavalgada, cicloturismo, escalada, parapente, rapel e tirolesa. Ao todo, Brotas conta com 53 empresas envolvidas com turismo de aventura.

Unindo trabalho e lazer

O turismo de aventura, embora seja crescente, também sofre com a crise econômica que assola o País e desestimula o investimento da população em lazer e cultura. Apesar de o paulistano afirmar que necessita de mais tempo para o lazer e de mais contato com a natureza, a cultura de praticar esportes ao ar livre ainda não está enraizada no seu dia a dia. Segundo José Roberto Pupo, o fundador e proprietário da Canoar – empresa criada em 1989 e pioneira na

prática de rafting no Brasil –, o setor de aventura teve um *boom* de procura entre 1995 e 2005, resultando no surgimento de diversas empresas e pessoas que buscavam novas experiências. Passado aquele momento, o ritmo de crescimento estabilizou em 20% ao ano.

Entre os aspectos que inibem a expansão do setor, Pupo aponta a fraca exploração turística dos parques estaduais e nacionais. “Os parques, em sua maioria, são fechados e não pensados para o turismo. Os governantes usam os espaços apenas para a preservação. Até mesmo os biólogos que trabalham nesses lugares os tratam como seus e se limitam a estudá-los e não a socializá-los”, aponta.

“Diferentemente do segmento de pessoas físicas, o setor corporativo tende a crescer, pois as áreas de RH das empresas estão cada vez mais estratégicas para desenvolver atividades que melhorem a qualidade de vida dos colaboradores e, conseqüentemente, sua produtividade”

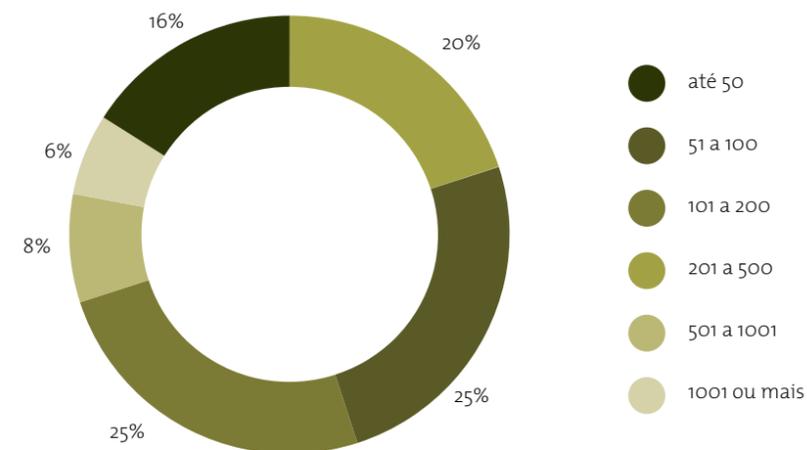
José Roberto Pupo
fundador e proprietário da Canoar



Foto: Rubens Chiri

Ticket médio por cliente (R\$)

Turistas gastam em média R\$ 112,00 em atividades de aventura



Fonte: Relatório de Impactos do Programa Aventura Segura 2011/Associação Brasileira das Empresas de Ecoturismo e Turismo de Aventura (Abeta) e Ministério do Turismo



Para Del Vigna, o Brasil tem muito a melhorar nesse setor. “O nosso maior desafio é incluir, de fato, o turismo na agenda econômica do País, mostrando para a sociedade o real potencial do turismo de natureza como fonte de geração de receitas cambiais, riqueza, emprego e renda”, afirma. Ele destaca a necessidade de o País investir em infraestrutura, capacitação profissional e empresarial, além de comunicação e promoção do destino de forma contínua e estratégica. “Mesmo com os desafios, somos otimistas em relação às expectativas a longo prazo para o turismo de natureza. Temos de valorizar as áreas protegidas e desenvolver sua estrutura de gestão no grau de importância que elas merecem. É preciso descobrir os parques e as outras Unidades de Conservação como fontes de prazer, conhecimento e saúde. A prática da cultura da vida ao ar livre e do turismo em parques é estratégica para o crescimento sustentável e cria-

tivo do turismo de natureza no Brasil”, pondera Del Vigna.

Qualidade e produtividade

Para muitas companhias de ecoturismo e turismo de aventura, o público corporativo é responsável por boa parte da receita. “Oferecemos atividades ao ar livre para as pessoas explorarem características que permanecem ocultas na correria do dia a dia. As atividades são ótimas oportunidades para que os funcionários possam se conhecer e se relacionar melhor”, afirma Pupo.

A Canoar começou a atender o segmento corporativo em 1992, quando recebeu um consultor americano junto com a equipe de executivos da Credicard. Desde então, outras empresas procuraram a companhia para atividades ao ar livre. Com a popularidade, a marca apareceu em programas de televisão, novelas e filmes. “Diferentemente do segmento de pessoas

físicas, o setor corporativo tende a crescer, pois as áreas de RH das empresas estão cada vez mais estratégicas para desenvolver atividades que melhorem a qualidade de vida dos colaboradores e, conseqüentemente, sua produtividade”, aponta Pupo.

Com uma média anual de 80 eventos corporativos, Pupo afirma que também sente os reflexos negativos do período de incertezas que o País atravessa. “No momento de cortar gastos, o setor de RH das empresas reduz as atividades que julga não serem fundamentais para a produção. Então, para sobreviver, temos de fazer mais com menos e cultivar uma equipe enxuta para atender os clientes sem comprometer a segurança das atividades”, acrescenta. Além do setor corporativo, a Canoar pretende investir em pacotes especiais voltados a idosos, com passeios pensados exclusivamente para a “melhor idade”. &